



Em “URUCUM - as árvores não têm culpa”, Lígia entrelaça imaginários da vida de gerações de mulheres de sua família, incluindo a sua, estabelecendo diálogos e afetos, num vai e vem de questionamentos sobre o que é ser mulher em um mundo envolto e revolto entre tantas demarcações do que deveríamos ser, sentir e fazer.

Para isso, ela se lança como Lígia multifacetada que é neta, filha, mãe, atriz...mulher, fazendo um mergulho profundo em suas histórias, em uma espécie de caleidoscópio que, ao se movimentar infinitas vezes, cria novas imagens de possíveis em que a memória e a imaginação buscam sentido para suas inquietações sobre ancestralidade, sobre como se entender em uma linha de vida que nós, mulheres, muitas vezes desconhecemos, porque é muito difícil perguntar: “Mãe, você é feliz?”

Solange Dias

Para compor o texto de Urucum, Lígia primeiro olhou para si mesma e, ao fazer isso, o espelho mostrou refletidas as que vieram antes dela. O “si mesma” não é possível sem as antigas, assim como não é possível sem as que caminham ao nosso lado e nos refletem em seus espelhos. E como escolheu falar a partir de seu território, sua história é, de certo modo, um espelho também para nós descendentes de migrantes e imigrantes, de bravas mulheres; nós habitantes do subúrbio, ávidas por mudar a rota de quem nos precedeu. A bagagem carregada de determinação, mas também de culpas e dilemas. À beira de um ataque de nervos e a nos perguntar sobre a felicidade.

Adélia Nicolete



Quina
Sousa
arte

LEI PAULO
GUSTAVO
SANTO ANDRÉ

CUL
TU
RA

X
SANTO ANDRÉ



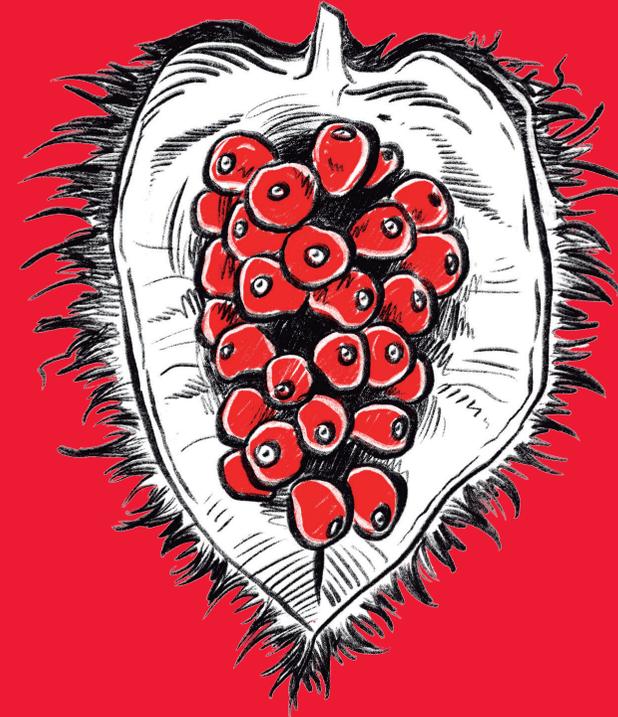
MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

urucum as árvores não têm culpa

Lígia Helena de Almeida

Lígia Helena de Almeida



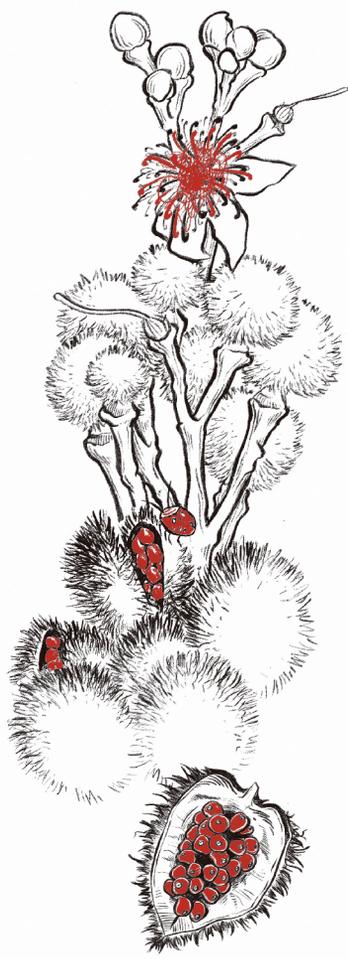
urucum
as árvores não têm culpa

É com grande alegria que a Me Parió Revolução apresenta a vocês a peça teatral “Urucum - as árvores não têm culpa”, fruto da parceria entre diversas mulheres - mulheres estas que muito se parecem com as personagens desta excelente obra.

Escrito por Lígia Helena de Almeida, o monólogo entrelaça trajetórias de mulheres de uma mesma família: a filha, a mãe e a avó, delineando uma linha matriarcal ascendente (a partir da mais nova) com seus percursos individuais e tudo o que nele cabe: dores, esperanças, amores, descobertas, decepções, coragem e, acima de tudo, fé na força das mulheres. Essa fé que moveu a autora a desenhar tão lindamente sua história de ancestralidade feminina foi também a que nos direcionou a participar da construção desta dramaturgia, como editoras. Acreditamos que essa parceria reforça nossos laços e fortalece nossas lutas coletivas, ao mesmo tempo em que o texto, com sua beleza, em si mesmo, resgata nossas individualidades. Por isso, nós da Me Parió Revolução, enquanto coletivo editorial feminino, ficamos tão felizes por concretizar mais esta publicação, porque ela é símbolo de mais uma potência que nasce, além de ser sinônimo de sororidade.

Somos gratas por fazer parte dela e mal podemos esperar para vê-la ganhar ainda mais vida nos palcos.

Coletiva Editorial
Me Parió Revolução



Por Lígia Helena de Almeida

WUUM

as árvores não têm culpa

Ilustrações
Drica Sousa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A448u Almeida, Lígia Helena de.
Urucum: as árvores não têm culpa / : Lígia Helena de Almeida;
Drica Sousa (ilustração). - - São Paulo: Edições Me Parió
Revolução, 2024. 84 p.; 14x21cm.

ISBN 978-65-999568-9-8
Contém dados biográficos

1. Dramaturgia. 2. Ancestralidade feminina 3. Migração.
Título. II. Sousa, Drica (ilustração).

CDD 792

Índices para catálogo sistemático:

1. Dramaturgia – CDD 792
2. Ancestralidade feminina – CDD 920.72
3. Migração – CDD 304.8

Ronaldo da Mota Vieira – Bibliotecário – CRB – 8 / 9124

É permitida a reprodução total ou parcial, exceto para fins comerciais. Lembre-se de citar a fonte



*Drica
Sousa
arte*

LEI PAULO
GUSTAVO
SANTO ANDRÉ

**CUL
TU
RA**

**UNIVERSIDADE DE
SANTO ANDRÉ**



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

Versão da obra em áudio-book acessível:



Para Arthur, sempre.

Para minha mãe, Sueli, minhas avós,
Maria e Helena, minha bisavó, Enedina.

Para todas as mulheres que desejam
tocar os pés na terra, ser oceano,
tornarem-se donas de suas moradas.

Aprendi na vida a fazer teatro em coletivo. Aqui, não foi diferente. Evoco a todas as pessoas que partilharam momentos do processo de escrita desde o instante em que ela se tornou ideia, ou até, desde o momento antes, em que era vida. Agradeço às minhas ancestrais pelas estradas caminhadas para que eu pudesse, hoje, escrever. Agradeço aos meus pais pelos livros todos na estante, e por terem, um dia, me levado ao teatro. Agradeço à minha irmã, Aline Bianca, por ser a radicalidade da irmandade e do amor. Agradeço à Camila Ruiz de Paula, minha comadre e sempre primeira leitora. Agradeço a Adélia Nicolete, pela generosidade e leitura atenta. À Solange Dias, Michele Navarro, Michelle Lomba e Claudia Jordão, por terem alimentado a minha escrita e a de outras mulheres. A todas as mulheres que participaram da oficina “Urucum e outras árvores: encontros e escritas entre mulheres”. Aos espaços culturais que existem e resistem e que nos receberam: Universidade Popular Nossa Casa, Promotoras Legais Populares, Biblioteca Comunitária Parque Andreense e Sarau na Quebrada. Agradeço à Me Parió Revolução, por abraçar estas palavras e à Drica Sousa, por torná-las imagem e materialidade. Agradeço a todas as mulheres que me cercam, na amizade, na partilha da vida, que sempre me levantam na queda e sempre caminham comigo. À Mauro Martorelli, por me alimentar - de comida mesmo - e de amor. E, por fim, agradeço à Cia. Estrela D’Alva de Teatro, por ser morada pros meus sonhos, e em especial a meu irmão, Paulo Girçys, por me ensinar a sonhar.

Lígia Helena

Para mim é um presente poder colocar em traços essa história, que atravessa tantas outras. Agradeço pela liberdade criativa, e pela acolhida afetuosa da minha interpretação artística desta obra. Que você possa sentir o abraço deste livro durante o passeio por entre palavra, imagem e som, e encontre o urucum que cresce aí também.

Drica Sousa

Prefácio

*Com a ponta da língua pude sentir a semente apontando sob a polpa.
Varei-a. O sumo ácido inundou-me a boca.
Cuspi a semente: assim queria escrever, indo ao âmago do âmago até atingir
a semente resguardada lá no fundo como um feto.*

Lygia Fagundes Telles
“Verde Lagarto Amarelo”

Nesta bela dramaturgia de Lígia Helena de Almeida, tudo narra: pessoas, árvores, plantas... um pé de urucum. Tudo o que é, tudo o que pulsa e reverbera (ou reverbera?) numa leveza estratégica, nos convoca para entrarmos em contato também com nossas narrativas pessoais, sejam memórias vivas ou imaginadas, não importa.

Em “URUCUM - as árvores não têm culpa”, Lígia entrelaça imaginários da vida de gerações de mulheres de sua família, incluindo a sua, estabelecendo diálogos e afetos, num vai e vem de questionamentos sobre o que é ser mulher em um mundo envolto e revolto entre tantas demarcações do que deveríamos ser, sentir e fazer.

Para isso, ela se lança como Lígia multifacetada que é neta, filha, mãe, atriz...mulher, fazendo um mergulho profundo em suas histórias, em uma espécie de caleidoscópio que, ao se movimentar infinitas vezes, cria novas imagens de possíveis em que a memória e a imaginação buscam sentido para suas inquietações sobre ancestralidade, sobre como se entender em uma linha de vida que nós, mulheres, muitas vezes desconhecemos, porque é muito difícil perguntar: “Mãe, você é feliz?”

Por ser uma dramaturgia inscrita no espaço-tempo, e para dar conta dessa infinidade de narrativas quentes e viscerais, Lígia abarca em sua escrita seus conhecimentos da cena. Assim, o corpo da atriz Lígia desvela e revela ao instaurar sua presença junto às palavras, dando origem a uma composição (ou decomposição?) de imagens em que ações, movimentos e gestos se afetam, gerando sensações que também narram quando se degusta um café ou quando os pés revolvem a terra. Suas memórias se atrelam não somente ao pensamento, mas também aos sentidos.

Enfim, diretamente ligada à poética de quem pensa e cria a obra, sua dramaturgia encontra-se estruturada em um campo de investigação que necessita ser compartilhado, pois tem ressonância em outras tantas trajetórias pessoais e, por isso, desejo profundamente que sua escrita logo se traduza em cena, no tempo potente de um espetáculo, transbordando essas vidas em um eterno nascer morrer nascer...

Solange Dias
Mestre em Artes pela UNICAMP-SP
Dramaturga, Diretora e Educadora Teatral

*Tenho medo de escrever,
mas tenho mais medo ainda de não escrever.*
Glória Anzaldúa

*Escrever é negociar com a língua um
modo mais feroz de calar.*
Mar Becker

Prólogo. Chegar	.19
Cena 01. A Moça	.23
Cena 02. A mãe	.27
Cena 03. A avó	.33
Cena 04. Urucum	.39
Cena 05. As árvores não têm culpa	.45
Cena 06. Cafuné	.49
Cena 07. Nascer Morrer Nascer	.53
Cena 08. Mãe, Café e Silêncio	.59
Cena 09. Ainda a moça	.65
Cena 10. Urucum, outra vez	.69
Cena 11. A bisavó	.73
Epílogo. Partir em festa	.77



Personagens.

A moça, que é a atriz, que interpreta a mãe, que narra a avó, que imagina a bisavó.

Cena:

Palco em Semi-Arena.

Uma janela de madeira pintada de verde claro encontra-se ao fundo da cena, pendurada por fios de náilon ou presa a uma estrutura que evidencia sua característica cenográfica. De trás da janela sai uma luz baixa que lembra o pôr do sol e que ilumina a cena.

À frente uma pequena mesa quadrada de fórmica azul clara com os pés de lata falseando bronze e duas cadeiras da mesma cor e material ao lado da mesa.

No lado direito da cena uma mala antiga dessas de madeira na estrutura e metal nos feixes, fechada sobre um tapete de croché colorido. Ao lado da mala um pilão de madeira.

No lado esquerdo sobre um tapete verde musgo está a banda composta por mulheres, que tocam piano, violino, violão e percussão. Todas sentadas em cadeiras de fórmica semelhantes às da cena, mas vermelhas.

Para quem lê esta dramaturgia:

Te convido a procurar um espaço aconchegante, uma poltrona de vó, uma rede, uma sala em tons pastéis e luzes quentes, passe um café com canela, busque uma imagem antiga de alguém que te amava (ou ainda te ama). Divirta-se.

*Minha pequena vizinha sai à rua vestida de carnaval
quer dançar a vida porque em sua casa as coisas vão mal
coloca no rosto uma lantejola em formato de lua
borda na saia o nome de sua irmã morta*

*Assim como as aves voam fazendo formatos
eu vi na rua um círculo de pombas se formar*

*Minha pequena vizinha sai à rua vestida de preto
sai para enfrentar a vida porque sua avó está mal
cobre o rosto porque na rua uma bomba espera por ela
sua mãe se contorce por não saber se retornará*

*Assim como as aves voam fazendo formatos
eu vi na rua um círculo de pombas se formar
o metal é tão frio que nunca sente piedade
umas pombas caem e as outras voam*

*No compasso, companheiras, no compasso
essa é a nossa dor e a nossa luta
no compasso, companheiras, no compasso
esse é o nosso fogo e a nossa luta
no compasso, companheiras, no compasso
esse é o nosso fogo e a nossa luta
no compasso, companheiras, no compasso
essa é a nossa dor e a nossa luta
no compasso, companheiras, no compasso
esse é o nosso fogo e a nossa luta
no compasso, companheiras, no compasso
esse é o nosso fogo.*

Prólogo. Chegar

A banda toca “Compañeras al compás”, da cantora chilena Pascuala Ilabaca y Fauna. A própria atriz convida o público a entrar.

 Mi vecinita sale a la calle vestida en carnaval
quiere bailar la vida porque en su casa la pasa mal
pega en su cara una lentejuela con forma de luna
borda en su falda el nombre que llevó una hermana muerta
Así como las aves vuelan haciendo formas
ví formarse en la calle un círculo de palomas.
Mi vecinita sale a la calle vestida de negro
sale a luchar la vida porque su abuela la pasa mal
tapa su cara porque en la calle una bomba la espera
su mamá se retuerce al no saber si volverá
Así como las aves vuelan haciendo formas
ví formarse en la calle un círculo de palomas
el metal es tan frío que nunca siente piedad
unas palomas caen y las otras vuelan.”
Al compás compañeras, al compás
esta es nuestra pena y nuestra lucha ...” (4x)

No início a música é quase ambiente. Aos poucos, ela vai crescendo e tomando conta do espaço; a atriz também canta.

Enquanto canta, busca nas laterais do espaço vasos com pequenos pés de Urucum que ela distribui junto ao público. Em seguida abre a mala que está à esquerda do chão e vai retirando objetos que leva até a mesa. Uma passadeira de mesa de crochê, uma virgem maria, um Jesus na manjedoura, duas xícaras de cerâmica, um açucareiro de metal, uma pequena colher de metal. Vai até a coxí e volta com um jarro de água que coloca sobre a mesa.

Volta à coxí e retorna com um bule de café e copinhos. A música sobe e ela oferece café ao público. Enquanto serve, conversa, cumprimenta, agradece por terem vindo.

Quando a música se encerra ela já está no centro da cena, o bule de café nas mãos.

Muito boa noite a todas e todos, muito obrigada por terem vindo. Espero que o café esteja gostoso, é com açúcar, que amarga já basta a vida. Aprendi a passar o café com minha mãe, que aprendeu com minha avó, que aprendeu com minha bisavó. Espero que, assim como o café, esta peça possa aquecer o coração de vocês esta noite. Possa ser memória, mas não uma memória que nos prenda ao passado, não quero deixá-los saudosistas. Que possa ser memória que nos presentifique, que traga nossos pés à terra.

Podemos fazer um exercício? Se puderem, fechem os olhos e imaginem, por favor, que vocês estejam em um pequeno espaço de quintal de uma casa recém construída no ABC Paulista por pessoas que migraram do nordeste, Pernambuco talvez, dos tempos em que as casas eram construídas em terrenos largos, divididos entre tios, avós, primos e irmãos e que, ali no fundo, sempre havia o espaço para as árvores: uma goiabeira, uma pitangueira, uma bananeira, um pé de louro, a roseira da avó, as orquídeas do avó, o mamoeiro, as ervas - alecrim, manjerição, cidreira, boldo, hortelã, arruda... Imagine você nesse quintal, pés descalços, agora vá até esse pedaço de terra e deixe teu pé tocar essa terra. Deixe as pedrinhas entrarem nos teus dedos. Imagine que da sola do seu pé saem raízes que vão até o centro da terra.

Te aterra.

Um vento suave toca os teus cabelos, o sol toca leve a tua pele.
Sentiu?

Que esta peça possa ser este sentir pra você hoje.

Eu hoje vou contar a minha história, mas que não seja um oceano de

Eus, é também a história de outras mulheres, da minha mãe, da minha avó - que não é mãe da minha mãe, mas sim tia dela, e já já vocês vão entender porque - da minha bisavó, talvez das minhas tias, minhas primas, minha irmã, muito provavelmente das tuas, porque as histórias se repetem, em espiral, sempre. O EU que narro aqui é um EU simbólico, sociológico. Pode ser que nem tudo seja a verdade da linha narrativa biográfica das pessoas que eu trago pra cena, pode ser que, por desejo de contar as coisas que nunca ninguém me contou, eu tenha precisado inventar: pequenas ficções ou então uma costura dos retalhos das histórias todas, das mulheres todas, de algumas - porque ser mulher pode ser um emaranhado imenso de possibilidades.

Leva o bule de café ao canto da cena.

O café fica aqui, disponível, como na casa da avó. Às vezes precisa requentar, mas sempre está lá.



Cena 01.

A moça

Música instrumental. Ritmo leve e fluído feito onda de mar. A atriz inicia uma dança em que mira a palma da mão direita como se fosse um espelho, espelho de Oxum, vez ou outra o gesto conduz o olhar da atriz para frente, para trás, para frente e para trás.

Passado e futuro, passado e futuro.

Em seguida volta para si.

Espelho.

Na janela a luz vai diminuindo e dando lugar a uma projeção, um pequeno pé de urucum em flor.

Existia uma angústia irrevogável que a acompanhava, todos os dias, principalmente quando do retorno à casa. Não importa de onde ou o tempo que havia ficado fora. Minutos, horas, dias. Meses não! Não ficaria tanto tempo fora, jamais.

Mas o retorno era sempre uma angústia que eu carregava também no entre, mas que aumentava sempre que o portão da casa amarela se aproximava. Era estranho, ela queria vê-los, eu queria a casa, faltava-lhe a casa, faltava-me o filho, o menino, o cheiro do menino. Também lhe faltava o calor do homem - por que os homens teimam em ter corpos tão quentes?

Mas era também uma sensação estranha, talvez não seja nem angústia, nem estranha, é também que nós, mulheres, nem sempre encontramos a palavra certa pra dizer o que sentimos, o que desejamos. Talvez porque as palavras tenham sido criadas principalmente pelos homens e a linguagem não nos permita expressar - tem dias que apenas uma dança expressa, movimento desritmado do ventre, do peito, dos pés, das ancas, buscando verdades - eis que de repente sai em grito, canto de pássaro, pássaro com cabeça de mulher.

Ela cessa a dança e busca em um dos vasos uma pequena cápsula de urucum.

Passado.

Abre, molha os dedos na língua, enfia os dedos na cápsula, volta com os dedos avermelhados, pinta os lábios.

Presente.

Não, não é que ela vá morrer. Impulso de vida é o que eu sentia. Mas esta moça, que já nem é tão moça assim, tenho quarenta anos, esta moça carrega em si algo que vem de antes de si, isso, que por falta de palavra, vamos chamar de angústia, mas tem coisa que a gente sente e que na verdade é um sentir que veio de antes, de um tempo em que nós não estávamos, em que não éramos. Pra entender o que se sente no agora, às vezes é preciso abrir os armários, os baús, buscar as imagens, escutar as mais velhas, ouvir o som do tempo, imaginar passados. Talvez assim ela possa, eu possa, desatar os nós desta palavra, desenrolar aquilo que está preso em meus lábios e que a impede, vez ou outra, de cantar.



Cena 02.

A mãe

Na janela a imagem do Urucum dá lugar à projeção das fotos de um casamento. São fotos em branco e preto, e pelas roupas e penteados, vê-se que é um casamento nos anos 70. A banda toca a melodia de Índia, de Cascatinha e Inhana.

Esta é minha mãe, aos 20 anos, no dia de seu casamento com meu pai, seu primo, com 29 anos.

A atriz vai até a mala e retira um arco de cabelo enfeitado de flores brancas.

Eu agora passo a ser minha mãe, eu, que tenho 40 anos, interpreto minha mãe aos 20. Somos ainda muito parecidas, a Lígia de 20 com a minha mãe de 20, a minha mãe de 40 comigo agora. Seguiremos sendo espelho uma da outra, com nossos rostos, com as pintas e verrugas que insistem em nascer nos mesmos lugares, com a repetição da vida em si, sempre a voltar, sempre a voltar.

A projeção agora é da foto da mãe, noiva, linda, sorrindo muito. A atriz, que agora é a própria mãe, subindo na cadeira diz:

Hoje é o dia do meu casamento, vejam, todos estão vindo. Eles e elas atravessam as portas do salão, vestem suas melhores roupas. Eu estou linda, vocês vêem? A festa está linda. As flores brancas, as toalhas brancas, os enfeites brancos.

O bolo branco glacê flores vermelhas enfeite. Muitos quilos. Eles e elas eram muitos. Atravessavam a porta do salão. Era preciso muito bolo para alimentar a ausência amarga da vida de cada um deles, cada uma delas.

E eu, linda. Você vê? Era, afinal, o meu casamento.

Então vocês aí sentados devem supor que sou rica, que estou me casando com homem rico, que tenho herança, dote ou coisa assim. (ri) Gastei, gastamos, cada centavo do pouco dinheiro que eu recebia como caixa de banco e ele como metalúrgico. Por que eu queria? Não, porque ela queria. Ela, minha mãe. Exigiu. Que nos casássemos para os olhos dos outros. Que fosse grande.

Minha única filha mulher, ela dizia. Não pode ser casamento pequeno! “Minha única filha mulher...” Nunca sequer me abraçou ou conversou comigo sobre a vida, sobre o amor, sobre o próprio CASAMENTO. E eu, no desespero de ser amada por minha mãe, aceitei cada exigência, cada véu no meu vestido, cada centímetro de branco. Eu, que nem queria festa, nem queria bolo, nem vestido. O que eu queria? Não sei. Você sabe? O que quer? Você queria? Se casar?

Eu me casei com ele. Por que? Não sei. Era um bom homem, eles são sempre bons homens. Tinha um trabalho, alguma dignidade. Era meu primo, mais velho que eu 09 anos, da parte da família do meu pai vinda do Pernambuco, um bom homem. Eu me repito até hoje, ainda é um bom homem. Um bom homem. E eu? Sou eu uma boa mulher?

Ao me casar eu me libertava dela, da minha mãe, dos gritos dela, da autoridade dela, da mania dela de me tirar qualquer centavo que eu ganhasse. Me libertava também da incessante necessidade de agradá-la. Me libertava? Me libertei?

A atriz vai soltando pequenos nós que estavam no arco e deles caem fitas de cetim coloridas. Ela gira, primeiro lentamente e depois com velocidade.

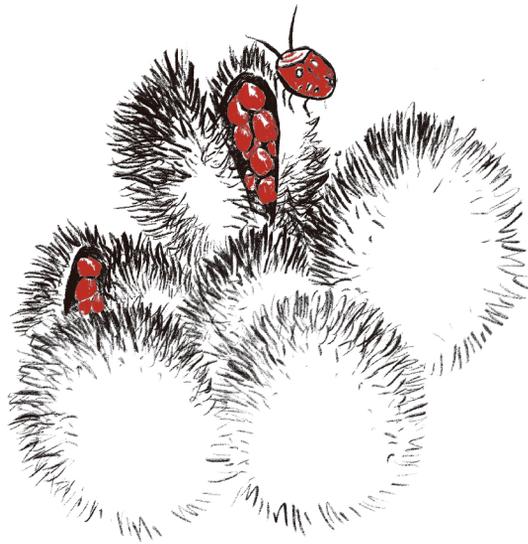
A banda em um ritmo acelerado e repetido em vozes cruzando-se entrelaçando-se:

Ele te deu as chaves, as chaves da tua morada, agora você tem a TUA
casa, agora você não depende mais dela. Da mãe.
As chaves, a propriedade, o lar.
Você, mulher, esposa.
As chaves, a propriedade, o lar.
Você, trabalho, trabalhe.
Você, barriga, filha.
Não vai dar, não vai dar pra estudar agora, deixa pra depois.
Isso de querer ser escritora, deixa pra depois.
As chaves, a propriedade, o lar.
As fraldas, a família,
a sua,
a dele.
As fraldas, lava.
Trabalha, trabalha.
As tuas jornadas,
nunca em volta da lua,
sempre em busca do sol.
As chaves, a propriedade, o lar.
Cuida, corre, Cuida.
A barriga, de novo, a outra, outra filha.
Tudo de novo.
Parir de novo,
sozinha,
sangrar de novo,
sozinha,
jorrar leite,
sozinha.
de novo.
E o trabalho, trabalhe.
As chaves, a propriedade, o lar.
Agradeça.
Agradeça insistentemente,
pelas chaves,
pela propriedade,
pelo lar.

Ela tira o arco da cabeça e o segura na palma das mãos.

Eu quis as chaves, eu quis a propriedade, eu quis o lar. Quando quis sair, era labirinto. A gente se esquece de como veio parar aqui. Era tudo tão natural. Pra quem olha de fora uma mulher com as chaves, a propriedade, o lar, é sempre uma mulher linda. Uma foto pra se enquadrar, moldura de ouro.

A banda canta Índia. A atriz dança. A foto da mãe deixa de ser projetada na janela, o Urucum retorna, agora já em broto.



Cena 03.

A avó

A banda puxa o jongo Preta velha jongueira, do Jongo da Serrinha. A atriz canta, as musicistas respondem, o público é convidado a bater palmas e a jogar:

*Preta velha jongueira
Meu caxambu está lhe chamando
Sinto a poeira do chão levantando
Com seu tabiado
Minha vovó benzeu no tambu
Vai caminhando para tabiar
Vai caminhando para tabiar
Aé vovó, caxambú tá no terreiro
Como é lindo vovó
O rufar do candongueiro
Minha vovó benzeu no tambu
Vai caminhando para tabiar
Vai caminhando para tabiar*

*Que saudade
Que saudade
Daquela linda fazenda
Daquela linda fazenda
Fazenda aonde minha vó nasceu*

*Fazenda onde minha vó criou
Fazenda dos sonhos dourados
Aonde nasceu meu avô*

A música e a dança se encerram. A atriz vai até o jarro de água sobre a mesa, enfia as mãos no jarro. Em seguida vai até a mala, tira dela um pote de vidro cheio de sementes de urucum, enfia a mão fechando o punho. Fecha o pote, guarda, fecha a mala, segura a mala com a mão esquerda, na mão direita as sementes. Se posiciona em cima do tapete de crochê, ao lado do pilão de madeira.

Maria é minha avó paterna, é também tia de minha mãe. Filha de Enedina, avó de meu pai e de minha mãe, a minha bisavó. Maria Enedina é minha avó e no instante deste encontro ela sequer está entre nós. Começo do fim. Maria já se foi, aos 94 anos, passarinha, pequena, o corpo foi diminuindo, diminuindo, até não haver mais corpo.

Eu estava lá, eu vi o dia em que o corpo se reduziu a pequeno grão, a respiração foi ficando espaçada, feito contração de parto, só que o contrário, como se fosse um desnascer. Mas não é da morte que viemos falar. Este é só o prenúncio de todas nós. Queremos o precedente, a vida.

1950, Maria, o corpo moído, sentada no banco do pau de arara. Já mais de três dias de viagem. Migração compulsória em busca de um pouco mais de vida. Na madrugada de um dia quente deixaram Angelim, no Pernambuco, com algumas malas e a promessa de um arrendamento nas novas terras do Paraná, território cheio de futuro, diziam.

Junto dela o marido José, as quatro enteadas - se casou aos quatorze anos por obrigação de família com um homem mais velho que tinha enviuvado cedo e precisava de mulher nova pra ajudar a cuidar das filhas dele - e os três filhos dela - muito rápido o homem lhe botou barriga pra lhe garantir que a mulher seria mesmo sua.

Eurídice, a mais velha, 06 anos, ia sentada quieta olhando a estrada, reclamava pouco e esperava algo de maravilhoso no final da estrada, conto de fadas. José, o do meio, 02 anos, ia febril e disputava o colo da mãe com o menor, Francisco, de um ano, que não desgarrava do choro.

Sentada no pau de arara, ela tem 36 anos. Eu já tive 36 anos. Você já pensou como estava sua mãe, sua avó, quando ela tinha a idade que você tem hoje? Será que ela pensava no que você pensa hoje? No silêncio da noite, depois que o marido buscava prazer, prazer que ela mesma nunca sentia e nem entendia, achava até violenta aquela coisa do homem vir se enfiando pra

dentro dela. Depois que o marido dormia, sono pesado e duro ao seu lado, será que ela pensava no que você pensa hoje? Depois que seu marido tem aquela pequena morte e te abandona sozinha na cama...?

Ela está sentada no pau de arara que, cada vez mais perto do sudeste, vai ganhando vento frio que ela não acostuma, não se acostumou nunca, tinha raiva desse frio daqui de baixo. Era esse frio que lhe dava uma saudade imensa de casa. Arre! Por que mesmo tiveram que sair?

O pau de arara segue e ela segura nas mãos um punhado de semente de Urucum. Quando anunciaram a partida, ela passou um dia sentada na varandinha olhando o terreno, os bichos todos, que não poderiam ir... talvez uma ou outra galinha pra garantir o de comer até que se assentassem de verdade na terra arrendada. Mas nada daquilo poderia ir.

**As sementes começam a derreter com o suor das mãos,
escorre vermelho pelos punhos.**

Olhando os bichos sentiu foi dor, porque o corpo é memória e os olhos atizam as coisas que a gente não quer lembrar. Lembrou do bode, do temporal, dos raios trovejando na cabeça dos bichos e ela, sozinha, na barriga grande o primeiro filho homem. Tentando prender os bichos de volta pra não saírem arretados pela vizinhança - se o marido chegasse tarde da noite de um não sei onde que tinha ido e visse que faltava bicho, lhe batia. Um bode amedrontado dos raios começou a fugir, e ela, pequena fortaleza, conseguiu amarrá-lo na corda. Corda amarrada no braço pra manter a força. Mas veio outro raio e o bicho ganhou força de leão, puxou forte, correu, arrastou o corpo dela, arrastou barriga dela. Ela gritou, berrou, demorou vir gente. Quando veio, pezinho do menino, do seu primeiro menino, tava pra fora do corpo da mãe.

O vermelho toma os braços.

Correram chamar parteira, correram pedir ajuda,
no meio do temporal.

Temporal.

Tempo.

Não deu. Perdeu menino.

**Ela apoia a mala no chão ao seu lado, passa os braços e o punho no rosto.
O rosto avermelha-se.**

Antes de enterrar o corpo do pequeno, pra que pudessem ter intenção na oração, deram nome, chamou-se Hermes, que meu pai acha que era o mesmo nome que se dava pra quem era natimorto.

Agora deixava a terra em que tinha deixado o seu menino. Ela segurando o punhado de semente nas mãos insistentemente, sem deixar cair um grão, e eram pequenos. A mão ia colorindo de vermelho alaranjado. Às vezes no suor de ter de acalmar os meninos escorria-lhe a tinta vermelha pelo punho. Escorria parecendo que sangrava. Sangue de quem precisa escorrer pra fora.

Fio de sangue, feito o dia, me contaram, em que ela levou do marido, meu avô, uma paulada na cabeça. Motivo besta, quase de mentira. Discutia com a enteada que tinha quase a sua idade por alguma coisa que era obrigação das mulheres da casa, não se sabe o quê, um cozido mal feito, uma galinha com pescoço mal torcido correndo pelo quintal, cacarejando medo da morte, uma roupa suja pelos cães porque mal presa no varal. Brigavam feito adolescentes que eram. A enteada a exigir seus direitos de mulher da mesma idade. O marido, vendo a gritaria não falou palavra, pegou no pau do pilão e deu na cabeça dela. O olho ficou turvo, o estômago subiu pra boca, a perna perdeu força, caída no chão pensou que ia morrer. A enteada assustada foi quem recolheu no dedo o fio de sangue que escorreu da testa. Nunca me contaram como foi que não morreu. Vai ver porque tinha quem olhasse por ela de um alto profundo que não deixou que fosse. Vai ver devia ter ido, assim a vida doeria menos, sentada naquele pau de arara.

Olhando as plantas e os bichos no quintal, a notícia da partida. O que é que ia ter na tal terra nova? E se não tivesse? E se fosse tudo mato sem comida? Tremeu. Foi fazendo a mala, a dela, a das crianças, mas quase não botou roupa. Tudo trapo que ela mesma costurava de novo quando chegassem. Botava as folhas, as raízes, os temperos. Será que duravam a viagem? Será que guentavam o tempo sem água? Não sabia, mas só saberia se levasse.

Na madrugada da partida, os meninos chorosos, a menina ansiosa, as enteadas em choque, no último instante de olhar pra trás, da despedida, do adeus, virou e viu o pé de urucum. Lembrou da mãe lhe ensinando a beleza da planta que por fora parecia feia. “Cor, filha, a vida precisa de cor, Urucum é cor. Você passa assim (fazendo gesto de maquiar-se) nos lábios, na boca, nos olhos. A gente fica mais viva.” Era seu jeito de se sentir bonita. Sem espelho, molhava os lábios com a cor que derretia do molhado das sementes e se sentia,

por alguns segundos, bonita. Essa beleza lhe dava um prazer, prazer maior que aquele que o marido buscava na cama todas as noites e que, na verdade, ainda lhe doía.

Agarrou no Urucum, abriu uns 5 ou 6 caroços correndo, o marido a gritar “que inventou de pegar planta agora? Endoidou?” Enlouquecia, de medo de não poder ter mais aquele instante de mulher bonita, aquele instante de prazer.

A atriz lança as sementes no pilão.

Cena 04.

Urucum

Na projeção o Urucum agora mais maduro. Em silêncio, a atriz pila o Urucum.

off de uma voz de senhora: Quando chegamos aqui, ela, que falava quase nada e se pronunciava jamais sobre seus desejos - talvez não soubesse reconhecê-los - observou o espaço de quintal ainda em terra que a casa lhe dava, sentiu uma saudade sem fim da casa em Cafeara, ainda mais da Fazenda em Angelim, apontou pro canto que mais recebia sol naquele pedaço de chão e disse: “aquele canto é meu”.

Buscou na mala o pote em que havia guardado minhas sementes tiradas do pé em Pernambuco, cavou com as próprias mãos um buraco e me lançou sobre a terra.

Ela teve medo de que eu não vingasse, que o solo daquela terra cheia de ruídos que pareciam abrir buracos no céu não pudesse ser alimento pra que eu desse em flor. Mas eu vinguei. Ela sorriu na minha direção quando viu o broto atravessar o chão numa pequena folha verde clarinha.

Enquanto ela se acostumava com a pequenez da nova casa, enquanto ela ajustava a própria pequenez e a do marido com os poucos objetos que sobreviveram das viagens, do pau de arara, das malas lançadas de um lado a outro, eu fui crescendo, ganhando galhos mais folhas verde - agora escuras - até nascerem meus primeiros carocinhos.

Dali, do alto de onde eu já me encontrava, pude ver a sala, do véu que faziam juntas a cortina de renda branca e o vitró eu via a casa existir entre

as luzes do sol das quatro da tarde, que entravam tocando a pele dela que já começava a ganhar ondas, marcas do tempo, de seu cabelo negro em poucos fios brancos. Ela ia envelhecendo na sala entre o sofá verde musgo de um couro falso, o tapete também verde musgo pregado no chão, a estante de madeira segurando alguns retratos e a TV de tubo preta e branca que ela se recusava a trocar por uma colorida apesar da insistência dos filhos que passaram a visitá-la mais vezes depois que o marido se foi. Alguns netos também, sempre uma neta atrevida que insistia em deitar-se em seu colo quando ela se sentava no sofá para descansar as pernas. A menina se enfiava nos poucos cômodos da casa querendo saber para que serviam aquelas coisas que ninguém mais tinha e querendo também saber o que eu era, de que eu era feita, que gosto eu tinha. “Como é mesmo que a senhora faz com isso?”. E então acompanhava com os olhos atentos a avó mexer em mim. Colher, quebrar as cascas, separar as sementes, de uma parte fazer chá para o coração, da outra levar ao pilão, misturar com a farinha de milho e bater. No meio, sujar os dedos e passar nos lábios da menina que corria no espelho pra ver o efeito, mas achava sem graça porque o batom vermelho da mãe aparecia bem mais.

A menina, sem força, insistia em bater o pilão.

Toda manhã bem cedo era o som da rádio Aparecida dentro do quarto que atravessava portas e janelas. Ela cruzava a porta com o copo d’água benzido da oração do programa Água Benta, ia até a mesinha de canto enfeitada pela passadeira de crochê feita pela filha mais velha, pelos santos todos, inclusive um menino Jesus que mesmo não sendo natal jamais saía de sua manjedoura, tocava com a ponta dos dedos o manto azul da virgem de gesso e bebia o copo d’água benzida em um só gole. Depois olhava na minha direção como se me dissesse bom dia e ia tomar café.

Ela desaparecia para a cozinha e eu ficava com a imagem dela e do marido no quadro pregado na parede.

A projeção agora é do quadro de um casal, uma fotografia antiga retocada à mão em um fundo verde falso.

Quando olhei a terra ardendo
Qual Isquiritia de São João
Eu perguntei aos Reis do Céu
por que tanta judiação

olhei
a terra
ardendo

perguntei
aos Reis do Céu
por que
tanta judiação



ainda a voz de senhora em off: Um quadro pintado à mão ainda em Pernambuco. Ela aparentando ser mais brava, os olhos trancados, o marido aparentando ser mais alto que ela, o que não era verdade. Eu olhava o quadro e olhava para ela.

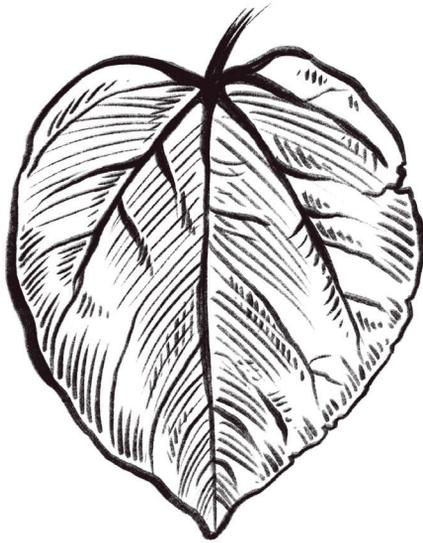
O tempo passando.

Um dia moça, 14 anos.

Agora viúva.

TEMPO.

Meu corpo madeira tronco já sentia também o tempo, a cidade ruído pode ter me deixado vingar, mas o ar nem sempre circulava facilmente em mim. Secura.



Cena 05.

As árvores não têm culpa

A projeção na janela volta a ser a do Urucum, ainda mais maduro. A atriz busca um pequeno vaso de terra. Traz até o centro da cena. Enquanto fala, espalha a terra no chão em um círculo. Ela brinca com a terra. A música é abrupta, dura como os homens. Tambor compassado. Violino ardido.

Na minha cidade os homens cortam árvores por qualquer motivo, porque estão velhas e correm o risco de cair sobre nossas cabeças, porque se alargam demais sobre a via impedindo o trânsito dos carros ou o passeio dos pedestres, porque suas raízes quebram as calçadas e podem, com sua força, quebrar as casas por dentro, porque atrapalham a passagem dos fios, porque impedem a construção, porque cheias de cupim, porque nascendo brotos demais na altura de nossas cabeças, nos obrigando a curvar a coluna, porque suas folhas, principalmente no inverno, caem exageradamente sobre o asfalto e as calçadas e exigem das senhoras de pijama e dos senhores já sem a dobra do joelho um exercício diário de varrer, juntar, colher com a pá, lançar para dentro do saco, fechar o saco e lembrar-se de colocar para fora no dia e horário do lixo comum. Um trabalho imenso exigido dos senhores e das senhoras que coloca suas miúdas vidas em risco. Melhor mesmo tirá-las daí logo de uma vez.

A atriz agora toca delicadamente a terra com os pés.

Me pergunto quem chegou primeiro, o homem ou a árvore, me recordo do minúsculo velho ranzinza que, ao adquirir um terreno para sua nova casa, que também habitaria sua empresa de móveis rústicos feitos de imbuia e cedro, enviou solicitação formal à prefeitura de corte das duas árvores que vinham, nos anos anteriores, se achando no direito de ocupar a calçada de sua futura casa, uma de cada lado do portão.

Uva do Japão.

Os pés avançam para a terra, ela está em pé sobre o círculo.

Os mais de três metros de cada árvore sendo arregaçados por serras elétricas manejadas por homens em cestinhos levantados por guindastes, a árvore ficando pequena, pequena. A pilha de madeira acumulando. O som, da serra, da madeira rachando, do baque no chão, dos homens gritando.

Delicadamente ela vai tirando a roupa e revelando um corpo repleto de cortes representados por linhas vermelhas.

Bastou uma solicitação, formalizada na praça da prefeitura por um minúsculo homem velho ranzinza branco de cabelos brancos, para que muitos homens se juntassem em torno delas com máquinas e caminhões e as lançassem ao chão. Não foi necessário justificar. O minúsculo homem velho ranzinza branco de cabelos brancos havia comprado aquela casa que se tornou sua propriedade, sua propriedade continha, consta na escritura, uma calçada com duas árvores que ele não queria que estivessem ali, isso era suficiente.

Ela abre as palmas das mãos e estica os braços para baixo. Os pés aterrados.

Há uma outra árvore da qual gostava muito porque foi nela que aprendi a subir em árvores, que levava em seu nome uma falsidade que eu não via, eles a chamavam de falsa seringueira, acho de muito mau gosto isso de dar a ela o nome de outra e dizerem que ela é quem é falsa. Pois um dia um de seus enormes galhos caiu sobre a cabeça de uma senhora que passava e a senhora morreu. A paisagem que antes era bucólica ganhou ares de cena de crime e os policiais não sabiam bem como passar algemas na suspeita. Em poucos dias ela recebeu a sentença de pena de morte. Mataram a falsa seringueira. Poucos choraram por ela, uma criminosa.

Ela deixa o pedaço de terra. Deita-se no chão em posição fetal.

De quem mesmo foi a culpa?

Cena 06. Cafuné

Ainda deitada no chão. Melodia leve, voz feminina, talvez uma ciranda.

É estranho, não é? Uma mulher assim como eu do meu tamanho deitada assim no meio do palco como se fosse um bebê. É no mínimo uma imagem inusitada. Mas quantas vezes você não sentiu que precisava muito deitar-se assim, no meio da sala, seminua em posição fetal e deixar toda a lágrima escorrer de dentro do seu corpo até que não houvesse mais lágrimas? Até sentir que o chão cedeu ao contorno de seu corpo? Sentir que não há mais corpo?

Senta-se

Esta sensação é boa, é confortável, é quente. Eu me lembro de estar deitada no colo de minha avó, o sol baixando leve sobre o vidro da sala, esquentando, o sofá de couro verde musgo não tão confortável assim, o toque macio de seu vestido de seda falsa e desenhos de flores laranjas no meu rosto, sua mão fina - mais ossos que carne - e enrugada tocando meu couro cabeludo, e de repente, um gesto de apertar algo entre os dedos, procurar algo com as pontas dos dedos, encontrar, encontrar? e apertar até ouvir um estalo, que não acontece, seguir caçando, em minha cabeça, piolhos inexistentes, encontrando-os, espremendo-os entre os dedos, era assim que minha avó me fazia cafuné.

Veste-se

Ela que não era de abraços, chamegos e beijos, que pouco nos tocava, recebia nossas cabeças em seu colo pedindo carinho e compreendia sua função. Catar os piolhos. Até mesmo quando ela já não sabia mais quem nós éramos, quando não me reconhecia quando eu passava pela porta, ainda assim, quando eu buscava seu colo, piolhos.

Levanta-se

Já meu pai, filho dela, este lançava sobre minha cabeça suas mãos imensas em um carinho longo que me fazia dormir por uma tarde inteira de domingo enquanto ele assistia à partida de São Paulo e Santos na TV. Sua barriga cada vez maior embalando meu sono pela respiração que subia e descia, subia e descia.

Vai até alguém da plateia

Você gosta de cafuné?
Posso lhe oferecer um cafuné?

Traz a pessoa ao palco. Puxa a cadeira, pede para a pessoa se sentar em frente à cadeira, no chão, oferece-lhe um pouco de café. Senta-se com a pessoa entre as pernas. Toca gentilmente seus cabelos.

Me contaram que para alguns povos indígenas catar piolho é muito mais que um gesto de higiene, envolve afeto e comunidade. Quando a criança apoia a cabeça no colo de alguém é o quente do colo que está sendo ofertado a ela, uma intimidade delicada. Quando catam piolho estão cuidando da criança em comunidade, o adulto que cata observa a criança enquanto cata, se está bem, se está saudável, é um gesto de atenção.

Pensei na minha avó e na relação que esta história tinha com o toque dela quando eu me deitava no seu colo. Era minha avó sendo nossa comunidade como muito provavelmente ela viu a própria mãe ser.

Para a pessoa sentada:

Quem te fazia cafuné?

Ela conversa de forma solta com a pessoa. Conduz pra que ela se lembre do toque da pessoa, da pessoa, do que ela sentia com esta pessoa por perto, dos cheiros, do lugar em que estavam, do tempo em que viviam. Deixa a conversa fluir. Agradece a conversa, deixa a pessoa voltar à plateia. Enquanto a leva até sua cadeira, canta à capela com a banda:

“Eu adoro uma iaiá,
Que quando está de maré,
Me chama, muito em segredo,
Pra me dar seu cafuné.
Não sei que jeito ela tem,
No revolver dos dedinhos,
Qu’eu fecho os olhos, suspiro.
Quando sinto os estalinhos”

Cena 07.

Nascer Morrer Nascer

**Na projeção na janela um vídeo, uma criança toca piano,
uma mulher, a atriz, dança.**

Este é meu filho, aos 6 anos, tocando piano pra que eu dance. Ser mãe é um espanto. Uma interrupção no fluxo do tempo. Um absurdo.

**Olha na direção da banda, acena com a cabeça, a pianista
imita a canção do vídeo, ela dança.**

Quando eu nasci, pode ter sido, na verdade, quando minha irmã nasceu - eu fui uma criança que roubava as histórias da minha irmã, acho que por querer, às vezes, ser ela. Mas quando uma de nós nasceu minha mãe teve uma hemorragia que não estancava, e por horas ninguém fez nada no hospital. Ela sangrando, meu pai trocando os lençóis, fazendo dos lençóis fralda para ela, e, apenas horas depois, um médico olhou para o sangue, para ela, para seu corpo pálido e decidiu que deveria fazer algo.

Quando meu filho nasceu cheguei ao hospital com oito centímetros de dilatação e com as contrações espaçadas, o médico me sentenciou: “vou colocar algumas coisas na sua veia e se não sair a gente abre!”

As mulheres da banda repetem em gritos: abre, a gente abre, abre!

Eles com pressa, muita pressa, impedindo a presença do pai do meu filho, eu brigando, eles com pressa, muita pressa, injetando coisas na minha veia, não sei se pela vida do menino ou porque tinham mesmo mais o que fazer, uma enfermeira subindo na maca, saltando sobre minha barriga, eles com pressa, muita pressa, meu filho saindo de mim, eu não senti, eu não senti meu filho saindo de mim, eles com pressa, muita pressa, o menino sendo tirado dos meus braços, eu nem senti seu peso.

Lembro da minha avó e o filho natimorto, Hermes, o pezinho para fora, H - E - R - M - E - S. Será que ela sentiu o corpinho passando quando removido, o quanto que seu corpo inteiro doeu? Por quanto tempo doeu?

A ausência do menino.

A ausência de sentir.

O sangue escorrendo.

Talvez você morra.

Talvez o bebê morra.

Isso não é você quem decide, mulher.

Você não precisa de ninguém aqui, mulher.

E então você entende, o que é que eles entendem,
que é ser mulher.

Será que perguntaram a ela como ela se sentia?

Será que lhe fizeram um chá de camomila?

Será que lhe abraçaram?

Além de Hermes minha avó perdeu outros dois meninos.



Projeção da fotografia em branco e preto de dois meninos pequenos.

Francisco e José, um um pouquinho mais velho que o outro, o tempo do leite deixar vir outra criança. Eram assim, pequenos, ainda sem batizado, quando a morte resolveu bater na porta da casa vestida de febre amarela.

Na falta de levar um, levou os dois. Ela, minha avó, tentando segurar a vida nas mãos. A morte, decidida, disse não!

Francisco e José foram enterrados na Cruz das Almas - encruzilhada -, dois tacos de madeira pregados e pintados de branco, cruz talhada pelo meu avó e benzida de lágrimas. Eram os seus meninos depois de tantas meninas do primeiro casamento, tinha se apegado aos brinquedos dos dois nas noites, à risada leve de Francisco, ao jeito de pedir colo de José. Depois lembrou que esqueceu de que naquele tempo era melhor não apegar assim das crianças, que elas iam mesmo, aí ficava buraco no peito e era melhor não ficar. Lembrou de Hermes.

Olha para a fotografia.

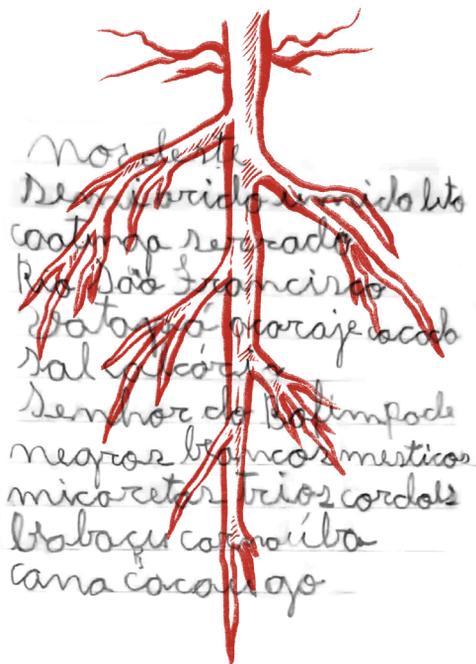
E se estivessem vivos?

Seriam meus tios mais velhos. Estariam vivos ainda? Teriam tido filhos? Filhas? Que família seríamos se eles, Francisco, José e Hermes, ainda estivessem aqui.

Como foi que minha avó conseguiu colocar o coração pra dentro de novo?

Quando outros filhos vieram ela lhes deu os mesmos nomes, José e Francisco. Será que foi um jeito de esquecer a morte afirmando a vida?

Será que se pudesse minha avó voltava no tempo e enfrentava a morte de frente lhe oferecendo a própria vida em troca? Será que a morte aceitava? Vai ver que não. Tem criança que vem com o destino traçado, de deixar saudade na gente.



para ir ao sertão
falta muito chão

Cena 08.

Mãe, café e silêncio

A projeção dá lugar ao Urucum maduro. A atriz vai até a mesa, coloca sobre ela duas xícaras, serve café nas duas. Vai até o público. Fala se dirigindo às pessoas.

Eu estou sentada na mesa da cozinha de minha mãe, o sol atravessa a janela, vitró, toca minha pele, a casa tem o cheiro do amaciante que ela aplicou manualmente nas roupas pela manhã e que, estendidas no varal do andar de baixo, preenchem a casa inteira, lavanda.

Eu estou sentada com os braços apoiados na mesa e entre minhas mãos uma xícara do café quente que ela passou. Agora há pouco almoçamos a comida que ela preparou também pela manhã entre uma batida do tanquinho e outra. Carne de panela com batatas, arroz. Entre um despejar de amaciante na bacia e outro. Saladas muito bem lavadas e secas para não ficarem pretas rapidamente, tomates tipo cereja, cebola fatiada. Meias muito bem lavadas num branco que eu jamais serei capaz de reproduzir.

Eu estou sentada e desde que cheguei em sua casa para o almoço e obedeci a ordem objetiva de distribuir os pratos na mesa, enfileirar os talheres e buscar os copos, também obedeco a ordem subjetiva de garantir que nada sairá do normal durante a refeição, de que ninguém falará de política, porque é melhor mesmo que não se fale, de família, porque não saberíamos dizer se realmente o somos (alguma família, sabe?) e de amor, ousou falar de amor e derreteriam-se os pratos, as comidas, os móveis e nossos corpos inteiros no chão.

Agora que o almoço já foi servido, que os homens já estão na sala vendo algo como coisas que homens veem juntos na sala, agora que a casa cheira uma mistura de amaciante, carne com batatas e café, ela, frenética, busca as colheres nas panelas, fecha tampas, esvazia vasilhas de vidro em potes tupperware herdados de minha avó, sua mãe. O som das tampas, das colheres batendo nos vidros, dos vidros batendo nos vidros é o som do ritmo dela, um ritmo que me acelera e eu quero pedir a ela que:

MÃE, senta aqui, vamos conversar, me fala de você.

Mas mesmo durante a refeição, enquanto todos estavam à mesa, enquanto todos mastigavam solenes a carne com batatas - meu pai vez ou outra puxando assuntos sobre futebol, as crianças vez ou outra nos fazendo rir - foram poucos os minutos em que ela realmente entregou o peso do corpo para a cadeira, foram poucos os minutos em que ela se deixou saborear a comida que ela mesma havia preparado, foi a última a sentar - apenas quando todos estavam servidos - e a primeira a se levantar, para servir a sobremesa, colocar a água do café para ferver, comer encostada na pia a própria sobremesa: o pêssego em caldas enlatado SEM uma bola do sorvete de creme distribuído entre as crianças, por receio de exagerar no açúcar.

Agora a torneira abre e fecha e ouço o som do pote de detergente espirrando sabão e bolhas na bucha e sinto que das dobras de seu corpo escorre suor, o sol começa a baixar na janela e esquenta ainda mais a cozinha, meu corpo está fresco, o corpo dela sua.

Mãe

EU QUERO DIZER

Mãe

ELA VAI OUVIR?

Os pratos, os potes, lavados um a um, enxaguados um a um vão se enfileirando na pia, ela esfrega as panelas com palhas de aço e produtos que não é possível que não ariem também seus dedos, sua pele. Apoia uma panela pesada no mármore falso que emite um som agudo que se mistura ao grito do locutor na sala de gooooool... Ela, sem parar de esfregar e sem deslocar o pescoço na direção da sala pergunta:

De quem?

Ela deixa a pessoa responder, interage com a resposta, sente a resposta na pele.

Das coisas não ditas, eu nunca perguntei à minha mãe se ela é feliz, por medo, por prever a resposta, por ter de encarar as minhas infelicidades no rosto dela.

Mas nós estamos num teatro. Eu poderia criar então uma cena em que eu pergunto a minha mãe:

MÃE, você é feliz?

e eu poderia eu mesma interpretar minha própria mãe, que também seria, ao final, um pouco da sua, e então eu criaria uma ficção que na verdade é a verdade do que eu mesma penso sobre o que minha mãe diria sobre ser ou não feliz, ou eu poderia convidar uma atriz que viesse à cena brincando de ser minha mãe, vestindo roupas parecidas com às de minha mãe, uma blusa leve de cores terrosas ou verdes, uma calça meio social meio esporte, talvez até que a atriz seja escolhida por ter os cabelos curtos como os de minha mãe, ou que, sendo uma atriz muito dedicada os cortaria para ficar com os cabelos parecidos com os dela, e então que eu entregaria a ela para que usasse um óculos nem muito grande nem muito pequeno meio azul meio marrom e ela decoraria com muito talento o texto que eu escrevera para minha mãe responder à minha pergunta e então eu sentaria esta atriz nesta cadeira diante desta xícara de café e eu me sentaria nesta mesa diante desta xícara de café apoiando os braços na mesa as mãos com a xícara no meio. Um gole de café, outro gole de café.

MÃE, você é feliz?

E a atriz, segurando a xícara pela alça, escutaria minha pergunta, seguraria a xícara pela alça, olharia diretamente nos meus olhos, minha mãe nunca foi de olhos baixos, das poucas vezes em que lhe fiz perguntas difíceis ela segurou o olhar na minha direção, buscando uma resposta que com certeza era mais pra mim do que pra ela, uma resposta que procurava desenhar o meu futuro a partir do seu passado. Então a atriz, que interpreta minha mãe e

que eu convidei pela semelhança, e também porque ela conhece minha mãe e saberia imitar a altura de sua voz e o levantado leve de sua sobrancelha direita, diria me olhando dentro dos olhos:

Ninguém é feliz sempre, Lígia.

silêncio

Talvez ela fale também, a atriz que interpreta minha mãe, talvez ela diga:

**Enquanto vocês estiverem bem,
e as crianças estiverem bem,
eu estarei feliz.**

Mas esta resposta. Esta é a resposta que eu imagino, e às vezes a gente acha que conhece uma pessoa, mas pode ser que ninguém conheça de fato ninguém, nem a si mesma, então pode ser que eu esteja errada e aqui eu esteja mentindo.

Toma um último gole de café.

Cena 09.

Ainda a moça

A atriz, que também é a moça, vai até o meio do público, coloca-se de frente para o palco, olha na direção da janela que projeta agora um “fade in-fade out” de imagens da moça que é a atriz, em várias idades de forma não linear. Durante a narrativa as imagens vão sendo atravessadas por fotos da avó, da mãe, da irmã, das tias, das primas...

A banda toca um pequeno tambor que acelera e desacelera de acordo com o ritmo da fala da atriz que é também a moça.

Deixou o menino na escola. Beijou-o na testa. Segurou-o com força enquanto ele tentava se desvencilhar. Tchau mãe, chega, até de noite. Até já já filho, te busco. Segui na direção do carro fugindo das outras mães e das conversas em pequenas rodas na calçada. Precisava ir ao mercado, a geladeira estava vazia, o óleo faltou na hora de fazer o arroz e o café estava no fim. Não podia faltar café. Entrou no carro, bateu a porta, enfiou a chave, ligou, engatou marcha e quase soltou a embreagem e pisou no acelerador, mas antes segurou a marcha e abriu o celular. Checou as mensagens. Pendia ainda a mensagem dele sem resposta. As mensagens do trabalho. Foda-se. Não ia responder nada. Arrancou com o carro em ré pra depois seguir até o mercado. Reparou na rodinha de mães e se perguntou porque nenhuma delas nunca a chamara pra uma cerveja. Elas tomam cerveja? Com certeza tomam. Eu devo ser mesmo uma mãe estranha. No mercado parou o carro, buscou o carrinho. Parou na primeira estante, a dos vinhos. Precisava de um vinho. Lembrou da

mensagem e dele mandando os preços mais baixos dos vinhos pra ela saber. Eu devia responder algo... Responder o quê? Melhor seguir, não dizer mais nada, tá cara essa merda. Mas merecia um vinho, merecia três, pegou um mais em conta, pelo menos era chileno. Enfiou no carrinho. Pegou o arroz. Quando foi a última vez que o arroz acabou? O arroz demora acabar. Só ela e o menino, quase nunca ninguém. O menino deu pra comer mais, repete, deve estar em estirão. Depois de pegar umas duas jarras de suco e umas caixinhas pequenas de maguary, no vazio entre um corredor e outro olhou de novo o telefone, as mensagens, o trabalho pulava na tela, o chefe que não era chefe, os projetos, as pessoas, o Estado, todo mundo pedia respostas e ela só queria comprar café, óleo, bolachas e manteiga. Merda, devia ter feito uma lista, me recusei, tive preguiça, que diabos eu ando com tanta preguiça. A mensagem, ela deveria responder a mensagem. Fui mesmo eu quem cometi esse erro? O trabalho, disseram que havia um erro, o chefe perguntava quem foi e o chefe do chefe dizia quem era? E ela já não se lembrava mais onde estava. Onde eu deixei o carrinho? Eu não passei neste corredor. Não, este não é meu carrinho. Uma mensagem de uma amiga pergunta como ela está - ela olha insistentemente o celular. Está tudo bem? Uma lágrima, outra, mais outra. Ela chora. Não para de caminhar, procura com os olhos as coisas que precisa levar, não fez a merda da lista, mas precisa levar alguma coisa, veio ao mercado pra isso, não veio? Não pode ir embora agora com um vinho, um pacote de arroz e sucos na sacola. O café. A lágrima. Escorre. O café. No alto. O café mais barato na prateleira mais alta. Não alcança. Quer responder a amiga. Eu preciso de um emprego melhor. Eu tenho um pouco mais de valor. Trepa nas prateleiras, não vai pagar mais caro só porque não alcança. Eu estou cansada. Eu não quero responder a mensagem. Eu tenho um pouco mais de valor. A ponta dos dedos alcança a ponta do café. Uma lágrima escorre na ponta do lábio. Caminha, ainda, pelos corredores. Onde está o carrinho? Não é possível. Outra vez? Vai andando pelos corredores. Não é esse. Eu já passei aqui. Ainda chora, não consegue conter o choro que vem do peito em movimento involuntário. Por que inferno estou chorando? Não era o que eu queria? Não era o que eu iria fazer? A mensagem dele adianta o problema e me tira a culpa. Por que esse folgado acha que sou eu quem tem que resolver isso? Ele que trabalhe. Eu não recebo pra isso. Grava um áudio pra amiga pedindo pra que se falem quando ela chegar em casa, falta pouco, falta muito, logo ela chega amanhã, então vai ligar. Uma mulher olha, vê as lágrimas, ela desiste de disfarçar e limpa os olhos na ponta da manga da blusa. O gesto parece aumentar o impulso involuntário do corpo e ela chora mais. A mulher não faz nada, ninguém faz nada, todos têm pressa e precisam chegar ao fim de suas compras. Chorar no mercado é como chorar na piscina, lágrima é água, olho vermelho é cloro, melhor não

ver. Pega alguns biscoitos pro filho, pra ela, se lembra do menino dizer que o de carinha tem veneno, ele viu isso nas redes sociais e agora não quer mais comer o biscoito de carinha. E se o menino começar a não comer as coisas porque tem veneno ou vida? Eu não sei cozinhar. O que come alguém que não ingere nem veneno nem vida? Diabos, eu sou uma mãe de merda. Deveria levar algo que fizesse parte de um regime, a barriga subiu nos últimos dias. Na balança voltou aos 80, odeia voltar aos 80, não quer odiar, mas aprendeu a odiar. O leite. Pausa. O leite. Não é possível que o preço seja mesmo esse. Ah, que porra. E o meu salário não teve um ajuste, nada. Eu vou ter que trabalhar mais. Trabalhar mais? Quando eu não trabalho? Retira da prateleira apenas um litro de leite. Faz tempo que ela não toma e sempre que abre um, acaba estragando mesmo. Ela chora escolhendo frutas, a roupa já se confunde entre mangas e golas molhadas e já não há o que esconder - todo mundo está vendo! - o choro que agora é compulsivo. O carrinho, o carrinho sumiu outra vez, onde foi que eu o deixei, não é possível, será que isso é burnout? Será que estou grávida? A gravidez me deixou esquecida. Grávida?? A mensagem, eu não vou responder nada, vou ser mais fria que ele, que vá logo, que parta, já foi tarde. O carrinho? Onde eu deixei o carrinho? Estas coisas frias na minha mão estão congelando meus dedos. Vou largar tudo aqui e procurar o carrinho. Melhor não, alguém vai pegar e eu vou ter de procurar tudo outra vez. Será que eu estou louca? E se ela enlouquecer aqui agora alguém virá por ela? As pessoas passam e normalizam meu choro, normalizam a mulher que faz compras chorando. Talvez então ela devesse deixar o choro vir. Largar as compras no chão, deitar-se no piso frio segurando os joelhos contra o peito e chorar. Talvez assim, já que é tão normal assim, isso pudesse passar, essa dor, essa raiva, essa angústia. O chão está gelado e de alguma geladeira escorre um líquido viscoso que suja minha roupa. A ponta da embalagem do iogurte corta a beira da minha testa e eu não tenho força pra empurrar. Ela chora em soluço compulsivo. Um senhor pula seu corpo procurando pães de queijo. Alguém anuncia o aniversário de uma colaboradora e o mercado ecoa uma salva de palmas e gritinhos de alegria. Uma senhora pergunta de quem é o carrinho no meio do corredor. Ninguém responde.

Ela se deita no chão entre as cadeiras no meio da plateia.



Cena 10.

Urucum, outra vez

A projeção na janela é da moça em um quintal; com uma enxada, ela limpa o terreno em volta daquele pé de urucum que vinha sendo projetado em fotografias, arranca-lhe pragas. Dedilhar de um violão. A moça segue deitada.

off da voz de uma senhora: Agora é a menina quem habita a casa. Minha filha, quem me trouxe, quem me plantou, minha filha partiu. Ficou a menina, a atrevida. As coisas na casa estão mudadas, os objetos de madeira foram trocados por coisas de plástico coloridas. O carpete foi arrancado e virou piso frio, livros ocupam uma nova estante e a mesinha foi substituída por uma escrivaninha com um aparato que não sei nomear e que a menina está sempre a dedilhar fazendo surgir letras em uma tela branca. Parece que escreve.

Ela escreve. Escreve porque há nela um rasgo, porque viveu violências e só quando escreve, sobre elas, sem elas, para além delas, é que as reconhece, escreve porque há nela um impulso que a lança nas águas, o mesmo que insiste suas mãos enfiadas na terra, cavando, buscando raiz e vida, buscando plantio, um impulso que diz a ela que algo precisa sair, algo precisa morrer, algo precisa nascer, eu reconheço esse impulso, em muitas delas.

Hoje mesmo ela precisou enfiar as mãos na terra, sentir a terra dentro das unhas, cavar com os dedos, puxar o bicho que sai de dentro dela, arrancar as sujeiras lançadas pelos homens. Essa terra era de minha filha. Era o pouco pedaço de vida que ela trouxe consigo. Minhas netas todas são assim, alguns netos também. Vieram pra cidade, mas precisam de um tanto de terra e mato

pra cuidar, feito bicho precisa de água, feito homem precisa do corpo do outro homem, feito a menina precisa da escrita.

Ver vida nascendo, folha, fruta, comida, alimento. Encantamento.

Foi mesmo porque tiraram minha filha de perto do mato que ela foi ficando pequenininha, miúda, os ossos esfarelando, a mente faltando. Foi porque nunca mais botou a mão na terra que ela, minha filha, morreu.

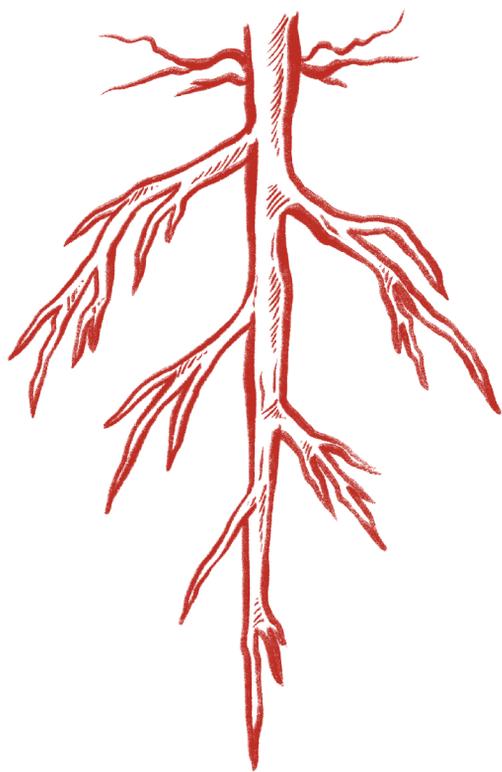
A menina parece que tem dia que quer conversar comigo, e ela parece que aprende força e movimento que não tem. Pega a enxada na mão e cavuca a terra até achar vida. Terra seca, cheia de pedra, pedregulho, pedaço de concreto que homem passou por aqui e lascou em cima do que era planta, do que era árvore. Mas sempre tem vida no meio. Bicho, rasteja, come terra. Sempre tem vida no meio. Raiz. Então ela junta tudo: vida, muda, pedaços dela, e quando brota sou eu respondendo às perguntas dela. Eu, que já estava desistindo de estar aqui, que não os via precisarem de mim, a vi chamar-me pelo nome, a menina, querendo reviver-me em palavras. Então brotei outra vez.

Palavra quando salta da menina é feito vida que nasce da terra seca, feito meu movimento se refazendo pelas mãos dela, meu corpo redesenhado em letra pelas coisas que ela quem disse.

Disse hoje,
oração,
disse ontem,
grito,
disse muito antes de tudo,
canção.

A atriz, levantando-se e voltando ao palco:

Hoje eu enfiei a mão na terra, demora sair vida, mas saiu palavra, às vezes é assim, demora, mas quando vem jorra, transbordo, sentido, ou um sem razão, apenas sentir.



Cena 11.

A bisavó

A atriz traz todos os vasos de urucum para o centro da cena, senta-se em meio ao público, luz a pino sobre os vasos

Há muito pouco eu soube, por conta de um trabalho de escola do meu filho sobre ancestralidade: a voz de minha mãe em um áudio ressoando “aí tinha a índia que casou com o vô holandês”. Desacreditei, repeti o áudio. Por que eu nunca soube? Por que essa avó não me era narrada.

A avó de minha mãe e de meu pai, porque eles são primos, mãe de meu avó materno e de minha avó paterna, minha bisavó, indígena! Não há nenhuma narrativa sobre ela, apenas que morreu nova, logo depois que nasceu meu avô, e que se chama Enedina Francisca de Almeida.

Para a plateia:

Você sabe o nome de sua bisavó?

Ela deixa os nomes virem. Repete os nomes, deixa que ressoem no espaço.

Não sei onde Enedina nasceu, não sei a que povo pertence, não sei se se casou com o tal vô holandês por desejo ou por sequestro, não sei de como curava as doenças de seus filhos e nem das canções que cantava.

Eu poderia inventar, como inventei tantas outras coisas até aqui, mas o desejo de quem eu estaria satisfazendo? Seria eu capaz de tocar alguma verdade? *Que ficção é possível aqui?*

Fico com a conexão dos pés de urucum, no quintal da casa de minha avó, das casas das minhas tias, insistente. Na imagem das sementes trazidas no punho fechado no pau de arara, escorrendo tinta vermelha - VIDA - entre os dedos. Na sabedoria de Eurídice, a tia viva, de pilar o urucum com farinha de milho e fazer colorau. No urucum quase morto de minha casa renascendo no instante mesmo em que comecei a escrever esta peça. Minha mãe, sem saber, me respondendo se é feliz:

Na projeção a foto da mãe apoiada em um portão, jovem, muito jovem. A atriz acena para a banda que dá o play num áudio com voz de uma mulher, minha mãe:



“Esta foto, que me diz tanto!!! A roupa que tanto usei porque tinha poucas. A cerca toda caindo por trás de mim, denotando não pobreza, mas simplicidade. O portão com a grade que só cobria a frente do terreno, obtido por minha mãe com um dinheirinho que eu havia ganho e que ela, com sua astúcia, conseguiu que eu lhe desse. O mesmo portão que tempos depois eu mesma derrubei quando aprendia a dirigir o Vermelhinho e, ao posicioná-lo para estacionar ali na frente, não encontrei o pedal do freio. Rimos muito dessa barbearagem, eu e o Zé, mais a vizinhança toda que assistiu ao espetáculo numa linda tarde de domingo. E rimos disso até hoje. Mas o que mais me toca nesta foto é o meu semblante. Semblante de quem está feliz com o pouco que tem. E, ao me lembrar de toda a história que preenche os 50 anos entre este click e o dia de hoje, vejo que minha essência continua a mesma. Construimos muitas coisas sim nesse meio tempo, mas quando olho para vocês duas, Aline e Lígia, minhas realizações supremas, para as duas crianças, Arthur e Sarah, que são minha glória e meu encanto, e para o Zé que tem dentro de si uma força espiritual imensa, e isto lhe faz grande, o que nos ensina a termos mais paciência e mais cuidado com nossos pensamentos e ações...

Afinal, a vida é isto: sempre que olharmos para trás, percebermos que VALEU A PENA VIVER!!”

Epílogo.

Partir em festa

Na janela, volta o Urucum, agora colhido em sementes.

O tempo. Este senhor. Faz a história. Talvez um dia meu filho saiba contar. Ligar as linhas das vidas de nós mulheres. Que tudo se repete, de um jeito diferente, mas se repete. Os átomos se conectando e se desconectando formando nossos corpos em conexões sensíveis.

Eu daqui me lembro de aterrar os pés, o tempo é hoje, o vento toca meus cabelos, o sol acaricia minha pele.

A partir daqui caminho, sementes de urucum na mão direita, espelho de Oxum na esquerda. Caminho pelo chão de terra da estrada que acompanha o rio, sempre que preciso mergulho, vou fundo, deixo a água me pegar no colo, deixo-me ser pequena em meio ao oceano.

Submerjo, sinto mais uma vez o sol, volto a caminhar.

A caminhada é leve. O ar enche meus pulmões e eu reconheço meu tamanho, eu não visto fantasias para agradar ninguém, eu não deixo de ser eu.

Veze ou outra a caminhada se transforma em dança, solta, no ritmo do meu coração.

Sou senhora da minha morada.

Minha morada é meu corpo.

Ninguém me tira dele.

Ninguém me tira de mim.

Já não preciso mais que me levem.

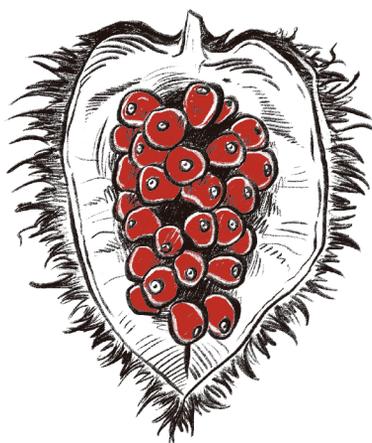
Mas gosto quando caminham comigo.

Para a plateia:

Quer caminhar comigo?

A banda puxa o côco.

COMPANHEIRA ME AJUDE QUE EU
NÃO POSSO CANTAR SÓ
EU SOZINHA CANTO BEM
MAS COM VOCÊ CANTO MELHOR



Para quem lê esta dramaturgia:

Cheguei, chegamos ao final. Agora você vai fechar o livro e talvez você possa dançar no meio da sala, talvez você feche os olhos e tente conversar com as imagens das tuas ancestrais que surgiram enquanto você lia esta peça, pode ser que você deseje abrir os teus armários, fuçar os teus baús, buscar as tuas imagens, escutar as tuas mais velhas, ouvir o som do tempo, imaginar passados, escrever a tua história.

Posfácio

*“A história podia ser mais fraca ou menos emocionante
do que a que eu havia contado para mim mesma.
Bastava puxar um fio e segui-lo em sua linearidade simplificadora”*

Elena Ferrante
“Um amor incômodo”

*“A oposição entre o passado e o futuro é absurda.
O futuro não nos traz nada, não nos dá nada;
somos nós que para o construir devemos dar-lhe tudo, dar-lhe a nossa
própria vida.
Mas para dar é preciso possuir, e não possuímos outra vida, outra seiva,
senão os tesouros herdados do passado e digeridos, assimilados e recriados
por nós.
De todas as necessidades da alma humana,
não há nenhuma mais vital do que o passado”.*

Simone Weil
“O enraizamento”

Contar histórias é fazer escolhas. Escolhem-se pontos de vista, escolhem-se personagens, escolhem-se caminhos e segue-se adiante. Por vezes o “seguir adiante” é voltar no tempo e até mesmo, por obra e graça da fantasia, fazer os tempos conviverem. Os mortos recobram a vida, os vivos habitam o sonho, as árvores voltam a ser ouvidas - sim, porque elas nunca deixaram de falar.

Contar histórias é construir, a partir do caos de ideias, imagens e palavras, uma estrutura capaz de comunicar e tocar de alguma forma quem a leia ou a escute. Capaz de gerar empatia, identificação. O professor Antonio Cândido, em seu ensaio O direito à literatura, afirma que as histórias nos humanizam, por isso todas as pessoas deveriam ter contato com elas, das mais simples e acessíveis às mais elaboradas. E é assim que vejo Urucum, as árvores não têm culpa: uma narrativa capaz de humanizar.

Mas é preciso que se diga: se contar histórias é fazer escolhas, por vezes acontece de sermos escolhidas. Quando algo nos toca, nos perturba, nos “persegue”, como se pedisse para vir à luz, o que nos resta senão transformar o desejo em ação? O devir mulher e a pulsão ancestral há muito atravessam o pensamento e a criação artística de Lígia Helena de Almeida, determinando suas produções.

Para compor o texto de Urucum, Lígia primeiro olhou para si mesma e, ao fazer isso, o espelho mostrou refletidas as que vieram antes dela. O “si mesma” não é possível sem as antigas, assim como não é possível sem as que caminham ao nosso lado e nos refletem em seus espelhos. E como escolheu falar a partir de seu território, sua história é, de certo modo, um espelho também para nós descendentes de migrantes e imigrantes, de bravas mulheres; nós habitantes do subúrbio, ávidas por mudar a rota de quem nos precedeu. A bagagem carregada de determinação, mas também de culpas e dilemas. À beira de um ataque de nervos e a nos perguntar sobre a felicidade.

Em Urucum, as árvores não têm culpa, Lígia escolhe ainda uma forma para contar sua história - o gênero dramático. A todo momento ela conversa conosco, convida a nos aproximarmos, a refletir e também a imaginar, como se estivéssemos diante de um espetáculo.

Em cena, um pé de urucum a tudo observa e dá sentido, desde tempos imemoriais. É dele o fio vermelho que, puxado, revela e recria de forma não linear e simplificadora a história de uma mulher, sua mãe, sua avó e sua bisavó. A história de todas nós. Fio de vida, fio de sangue, rio vermelho que escorre, derrama-se, flui do passado em direção ao que virá.

Adélia Nicolete
Mestre e Doutora em Artes pela ECA-USP
Consultora de Dramaturgia



A autora Lúcia Helena de Almeida

Atriz formada pela Escola Livre de Teatro de Santo André, bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo e Mestre em Ciências pelo Programa de Mudança Social e Participação Política da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, Lúcia integra a Cia. Estrela D'Alva de Teatro desde sua fundação, em 2005, tendo participado da criação dos sete espetáculos do grupo, inclusive na construção coletiva das dramaturgias, agora, reivindica seu lugar de dramaturga publicando sua primeira obra autoral no formato de livro. Como arte-educadora atua e pesquisa com as adolescências e o teatro.

Em 2021, em parceria com outras arte-educadoras/escritoras, publicou de forma independente o livro “Pupa - contos fantásticos e outras narrativas sobre adolescências”, dando início a uma nova jornada como escritora que vem pensando a vida comum em diálogo com a academia e a literatura, construindo obras que partem de uma narrativa íntima e pessoal para construir imagens sobre o social.

Mãe do Arthur, feminista, gosta de dançar para mover águas paradas, de mar no fim da tarde, de aconchego e escuta, de Clarice Lispector e Ryane Leão, de bell hooks e Audre Lord, tem 6 tatuagens e depois que lançar esse livro pretende fazer a sétima, uma onça, que foi quem, em sonhos, ensinou a ela que a escrita não se faz com as mãos, mas com o corpo em movimento.

A ilustradora Drica Sousa

Artista visual desde 2007.

Atuando com design gráfico, direção de arte e ilustração, participou de exposições individuais e coletivas, ministrou workshops de aquarela, contribuiu com mobilizações sociais envolvendo a criação de artes. Participou da publicação do livro *Pupa*.

Sua pesquisa autoral abrange opiniões, sentimentos, anseios, devaneios, diálogos e pontes através de uma expressão autobiográfica, com técnicas de pintura em aquarela, nanquim, digital, muralismo, e experimentações em outros materiais e plataformas.



Ficha Técnica de Criação do Livro

Dramaturgia

Lígia Helena de Almeida

Consultoria da dramaturgia

Adélia Nicolete

Ilustração e Diagramação

Drica Sousa

Editoração

Me Parió Revolução

Revisão

Sueli Almeida

Tradução da letra “Compañeras al compás”, de Páscuala Ilabaca

Amanda Tavares Dias

Gravação do áudio-book

Estúdio SyNcO

Captação, Mixagem e Masterização

Yan Surano

Elenco no áudio-book

Adélia Nicolete (narração)

Lígia Helena (atuação)

Marcia Alves de Oliveira (atuação na voz de senhora)

Sueli Almeida (ela mesma)

Tatiana Azeñas (letra original de Compañeras al compás)

Musicistas no áudio-book

Michelle Lomba (musicista)

Camila Ruiz de Paula (musicista)

Arthur Almeida Castro (piano na cena 7)

Áudio-descrição das imagens

Adélia Nicolete e Lígia Helena

Oficineiras do projeto “Urucum e outras árvores:
encontros e escritas entre mulheres”

Solange Dias, Michele Navarro, Michelle Lomba, Claudia Jordão

Espaços que receberam as oficinas

Universidade Popular Nossa Casa, Promotoras Legais Populares de Santo André,

Biblioteca Comunitária Parque Andreense, Espaço Cultural Na Quebrada

Produção Geral do Projeto

Cia. Estrela D’Alva de Teatro

Produção Executiva

Paulo Girçys

